

Renda em alta reduz classe E

(Naiana Oscar)

Artêmio Cruz, 29 anos, e Antônia Joelma, 24 anos, não têm carro, nem casa própria. Usam três celulares para aproveitar as promoções das operadoras e programam para este ano a primeira viagem de avião. Ele é vigilante e ela, auxiliar de limpeza. A renda dos dois não chega a R\$ 1,5 mil. “Mas é questão de tempo”, diz Cruz. Pronto para começar um curso de mecânico, ele está entre os 64% da população da classe D que espera melhorar de vida neste ano. Se tudo correr como planejado e os dois continuarem empregados, em breve o casal, que vive em São Paulo, deve integrar o que se convencionou chamar de “nova classe média”. Em 2014, praticamente três em cada cinco brasileiros pertencerão à classe C – Cruz e Antônia estão batalhando para entrar nesse grupo que chegará a 115 milhões de habitantes. Mas ainda há divergências sobre quem faz parte da nova classe média. Não há definição oficial. Boa parte dos levantamentos leva em conta apenas a renda familiar. Uma das classificações considera classe C famílias com ganhos mensais de quatro a dez salários mínimos. Em 2010, esse grupo passou a ser metade da população. Segundo o professor Waldir Quadros, da Unicamp, a tendência é que as transformações da pirâmide social brasileira registradas entre 2004 e 2009 se reproduzam nos próximos anos: classe A estagnada, classe B em crescimento moderado, explosão da classe C e uma redução ainda maior da base da pirâmide. É o que mostra também levantamento da consultoria Data Popular. “A classe C será maioria absoluta e a E deve entrar em extinção”, diz Renato Meirelles, diretor da consultoria. E essa classe C movimenta cerca de R\$ 881,2 bilhões por ano, com salário, benefícios e crédito. Cristiane de Souza, 33 anos e Alex Ferreira, 36 anos, atingiram há pouco tempo esse novo padrão de consumo e ainda estranham ser chamados de “classe média”. “Isso é muito chique”, diz a dona de casa. Seis anos atrás, eles moravam com o pai dela, porque os R\$ 400 que recebiam não eram suficientes para o aluguel. “Fazíamos compra com calculadora: não podíamos gastar nem um centavo a mais”, lembra Cristiane, mãe de uma menina de 11 anos e de um menino de 7 anos.



Alex, Cristiane e os filhos Gabriela e Lucas (Foto: HÉLVIO ROMERO/AE) O carrinho de compras não é mais refém da calculadora desde que Alex deixou o emprego de metalúrgico e voltou a trabalhar como vidraceiro. O salário dele multiplicou por nove. De lá para cá, o casal quitou as dívidas, alugou um imóvel, comprou um carro zero, trocou móveis e eletrodomésticos e se concedeu alguns “luxos”: ela vai ao salão de beleza duas vezes no mês e ele agora só compra tênis originais. A mais nova conquista é a casa própria. O imóvel será entregue em outubro. “Não sei se somos classe média, mas, perto do que tínhamos, estamos ricos”, diz Cristiane. O pesquisador Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, afirma que essa mudança veio para ficar. Segundo ele, educação e trabalho formal são os grandes protagonistas da reestruturação da pirâmide. “É o que garante que a evolução vai continuar.” Entre 2003 e 2009, a renda do brasileiro cresceu 3,8% ao ano. E foi duas vezes maior entre os mais pobres. No mesmo período, eles aumentaram os anos de estudo em 5,19%; já os mais ricos, menos de 1%. Ao mesmo tempo, as horas de trabalho das classes C e D diminuíram. Ou seja: os brasileiros da base da pirâmide passaram a ganhar mais não porque a carga horária de trabalho está maior, mas porque estão mais qualificados.